

# ANÁLISE DE MOVIMENTOS RETÓRICOS EM INTRODUÇÕES DE ARTIGOS CIENTÍFICOS DE GRADUANDOS DE DIFERENTES ÁREAS DISCIPLINARES

## Analysis of Retoral Movements in Introducing Scientific Articles of graduates different disciplinary areas

Iraci Nobre da SILVA<sup>1</sup> (Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil)

**RESUMO:** *Este estudo faz uma abordagem sobre o movimento retórico na seção introdutória do gênero artigo, escrito por graduandos de duas áreas disciplinares: letras e história, com o objetivo de investigar de que forma as introduções de artigos desses graduandos são organizadas retoricamente. Foram analisados quatro artigos: dois do curso de letras e dois do curso história. A análise está amparada no modelo CARS - "Create a Research Space" – (Criando um Espaço de Pesquisa) proposto por Swales (1990). O estudo encontra-se ancorado nos postulados teóricos de Biasi-Rodrigues e Bezerra (2012) que apresentam discussões sobre propósito comunicativo; nas teorias de Hyland (2000) sobre comunidade disciplinar e nos pressupostos teóricos Motta-Roth e Hendges (2010) referentes ao gênero artigo; além dos estudos retóricos de gênero Bawarshi e Reiff (2013). Os resultados sinalizam que os autores dos artigos das duas áreas disciplinares não foram suficientemente orientados para a escrita dessa seção do artigo.*

**Palavras-chave:** Introdução de artigo; Movimento retórico; Áreas disciplinares.

**ABSTRACT:** *This study takes an approach on rhetorical movement in the introductory section of the article genre, written by undergraduates from two subject areas: letters and history, with the purpose of investigating how the introductions of articles of these undergraduates are organized rhetorically. Four articles were analyzed: two of the course of letters and two of the course history. The analysis is supported by the CARS model "Create a Research Space" proposed by Swales (1990). The study is anchored in the theoretical postulates of Biasi-Rodrigues and Bezerra (2012) that present discussions about communicative purpose; in Hyland's (2000) theories about disciplinary community and the theoretical assumptions Motta-Roth and Hendges (2010) referring to the genre article; besides the rhetorical studies of gender Bawarshi and Reiff (2013). The results indicate that the authors of the articles of the two disciplinary areas were not sufficiently oriented to the writing of this section of the article.*

**Keywords:** Article introduction; Rhetorical movement; Disciplinary areas.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Linguagem, sob orientação do professor doutor Benedito Gomes Bezerra, da Universidade Católica de Pernambuco; Professora da Universidade Estadual de Alagoas. penedoiraci@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, estudos direcionados à análise de gêneros revolucionaram a forma de ver os gêneros, contrapondo à concepção que entendia os gêneros como estruturas formais ou confundiam com a noção de tipo textual. Desse modo, os gêneros vêm sendo cada vez mais definidos como modo de reconhecer, responder, agir em situações recorrentes. Essa concepção exige um estudo para além de caracterização ou traços formais. Como prática social situada, as pesquisas sobre gêneros vêm garantindo um espaço considerável no meio acadêmico. No campo da linguística, por exemplo, as preocupações com a linguagem em uso têm renovado o interesse no estudo do gênero como meio de organizar os aspectos linguísticos: componentes sintáticos, semânticos. Esses elementos se integram em diferentes gêneros e revelam o processo linguístico dos eventos em movimentos tipificados formais e funcionais.

Nas diversas áreas das ciências sociais, a preocupação com a construção social do conhecimento, da cultura, da vida cotidiana, segundo Bazerman (2011), tem levado à busca de mecanismos para a criação de alguma forma de compreensibilidade das relações sociais. Para os retóricos preocupados com o ensino da escrita, a exemplo de Swales (1990), Bazerman (2015) e Miller (2012), o gênero tem sido uma maneira de lidar com as características peculiares da escrita situada – uma forma de ir além do processo das particularidades da etnografia para entender a forma como é percebido e utilizado em situações de comunicação.

Dentre os gêneros que circulam no meio acadêmico, a exemplo da resenha e do resumo, o artigo tem uma grande relevância, visto que serve como via de divulgação de estudos por meio da participação de pesquisadores em eventos acadêmicos, divulgação de resultados em congressos e publicações em revistas científicas. Mesmo com os grandes avanços em relação à publicação científica no campo da organização retórica e análise de gênero, as pesquisas ainda carecem de maiores investimentos, sobretudo em espaços universitários nos quais ainda não se consolidaram discussões dessa natureza entre pesquisadores, profissionais e graduandos.

Considerando a necessidade da escrita acadêmica e do domínio dos movimentos retóricos do artigo para o engajamento nas práticas discursivas e no processo de produção e publicação científica, este estudo, recorte do projeto de tese de doutorado, tem por

objetivo investigar de que forma as introduções de artigos de duas áreas disciplinares: Letras e História, são organizadas retoricamente. Para a consecução do objetivo desse estudo, foi analisado um *corpus* constituído por quatro artigos: dois do curso de Letras e dois do curso História. A metodologia de análise está ancorada no modelo CARS (Create a Research Space), proposto por Swales (1990), cujas pesquisas fazem parte das referências de grande relevância no conjunto de estudos sobre análise de gêneros.

Nosso estudo encontra-se ancorado nos postulados teóricos de Biasi-Rodrigues e Bezerra (2012) que apresentam discussões sobre propósito comunicativo; nas teorias de Hyland (2000) sobre comunidade disciplinar; nos pressupostos teóricos Motta-Roth e Hendges (2010) referentes ao gênero artigo; nos estudos retóricos de gênero Bawarshi e Reiff (2013); nos pressupostos de Bazerman (2011-2015), Bhatia (1993), Miller (2012), Swales (1990) que examinam a relação entre gêneros, função e organização e Bezerra (2017) que trata sobre gêneros no contexto brasileiro. Como se pode ver, é considerável o número de pesquisadores que tem direcionado uma cuidadosa atenção aos estudos de gêneros nas diferentes abordagens linguísticas no campo internacional e no contexto brasileiro.

Quanto à estrutura retórica, o artigo encontra-se organizado em três seções, assim delineadas: A primeira faz uma abordagem sobre noções de gêneros, o artigo científico e introdução do artigo. A segunda trata do modelo CARS proposto por Swales (1990), descrição e aplicabilidade. A terceira apresenta análise do *corpus*, discussão e resultados.

Os resultados desse estudo sinalizam que os autores dos artigos das duas áreas disciplinares ainda não foram suficientemente orientados para a escrita dessa seção do artigo. Podemos verificar que os alunos de letras vão mais na direção do modelo de Swales que os alunos de história.

## **1. NOÇÕES DE GÊNEROS: ARTIGO CIENTÍFICO E INTRODUÇÃO**

As concepções de gênero, nas diferentes abordagens de análise, já parecem hoje concordar com a visão de gênero como ação social e não meramente como entidade formal. Ainda é difícil, porém, chegar a um consenso quando se trata de critérios definidores do gênero. Partindo da conceituação, é importante lembrar que o essencial não é saber o conceito teórico que se defende a respeito desse termo, é antes disso,

entender que os gêneros são bem mais compreendidos quando colocados na prática do mundo real. O que nos interessa, pois, é a sua grandeza enquanto realizável, e não observá-lo como algo abstrato, Bezerra (2017).

Os estudos dos gêneros textuais não são novos, ao contrário do que se imagina. O princípio desses estudos se deu no Ocidente, há pelo menos vinte e cinco séculos, sob as investigações de Platão, centradas nos gêneros literários, Marcuschi (2008). Compreende-se, portanto, que hoje existem outras perspectivas de estudos, ou seja, os gêneros não são vistos apenas sob a ótica da literatura, haja vista ao desenvolvimento de várias vertentes de análise de uma mesma temática. A expressão “gêneros textuais”, é atualmente utilizada para caracterizar um discurso, seja escrito, seja oral. Ao contrário do que era posto antes, eles se realizam com ou sem influências literárias.

Atualmente, o estudo de gêneros tem se configurado como uma área interdisciplinar, com olhar voltado para o funcionamento da língua, bem como para as atividades culturais e sociais. Marcuschi (2008, p.154) afirma: “Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais e particulares”. Ainda advoga Marcuschi (2008, p. 155):

Gênero textual refere-se a textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais institucionais e técnicas.

Nesse sentido, os gêneros textuais são imprescindíveis para nossa atuação enquanto sujeitos integrantes de uma sociedade que consideram a interação humana essencial para o convívio na relação social. Percebe-se, assim, a grandiosidade e representatividade dos gêneros, os quais abrangem diversas áreas do nosso cotidiano que envolvem a comunicação e suas particularidades.

“Toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual.” [...], Salienta Marcuschi (2008, p.154). Entende-se, assim, que os diversos tipos de gêneros são aqui definidos como sendo tipos de textos que permeiam nosso cotidiano.

“Os gêneros reconhecíveis de uma sociedade fornecem um repertório disponível de formas, ações e motivos. São maneiras de ver quais atos são disponíveis e apropriados

ao momento” [...]. Essas formas também nos levam à compreensão de “como se percebe o que se pode fazer e o que se quer fazer” [...]. Pode-se perceber “um momento de desacordo, um pedido de desculpas”. (BAZERMEN, 2007, p.22). Os gêneros são textos que têm o propósito de organizar nossas práticas comunicativas no momento da interação, nas variadas esferas conversacionais. Conforme salienta Bezerra (2017, p. 36). “O texto em sua materialidade é tomado como equivalente aos gêneros que se realizam através dele ou para os quais ele aponta.” Toda e qualquer comunicação se efetivada por meio de algum gênero.

Ao fazermos uso da linguagem em nosso dia- a- dia, recorremos aos gêneros, visto que nossos discursos se dão em forma de textos, centralizados e materializados nos diversos gêneros que produzimos conscientemente, ou inconscientemente, o que nos permite a comunicação verbal. Nesse sentido, percebemos que os gêneros, de acordo com Miller (2012), servem como mediadores entre o público e o privado, conecta o singular (as intenções) e o recorrente (exigência social). Os gêneros também são organizadores de nossas atividades sociais. Quando se trata da definição de gênero ou se levam em consideração os critérios definidores do gênero, é difícil chegar a um consenso em virtude da complexidade das questões envolvidas, tanto terminológicas quanto conceituais.

Já parece ser consenso a ideia de que os gêneros, conforme sublinha Bezerra (2017, p.33), “entraram na ordem do dia para estudo, pesquisa e ensino de língua”, como demonstram as pesquisas, no contexto nacional e internacional. Embora, como salientam Silva e Bezerra (2014, p.17), “precisar os significados do termo gênero e as possibilidades de atuação pedagógica que ele propicia, é tarefa bastante complexa”, conforme mencionado, seja devido à complexidade das questões envolvidas no plano de terminologias, seja nos aspectos conceituais.

Swales (1990) focaliza o conceito de gênero a partir de diferentes áreas: estudos folclóricos, estudos literários, linguísticos e retóricos. Isso significa que o conceito de gênero tem circulado amplamente em pesquisas nos diferentes contextos e abordagens linguísticas também diferentes. Essas abordagens já parecem concordar com a visão de gênero como entidade sócio comunicativa e não meramente como entidade formal. Nessa perspectiva, Miller (2012, p.51) afirma que “não podemos entender completamente os gêneros em uma compreensão mais profunda do sistema coletivo que constituem, sem

explorar mais detidamente a natureza da coletividade”. Nesse contexto, destaca Swales (1990, p. 9) que “os gêneros pertencem às comunidades discursivas, não a indivíduos”.

Swales propõe uma definição de gênero que engloba os participantes da comunidade discursiva, os eventos comunicativos e as convenções socioculturais. Cada elemento desses volta-se para uma mesma finalidade: alcançar o propósito comunicativo. Este aspecto é apontado pelo autor referenciado como sendo o componente central na análise para o conhecimento do gênero, como se pode ver na definição a seguir:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especializados da comunidade discursiva de origem e, portanto, constituem a razão subjacente do gênero. Essas razões moldam a estrutura esquemática do discurso e influenciam e restringe as escolhas do conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é um critério privilegiado que opera no sentido de manter o escopo do gênero, conforme concebido aqui, estreitamente ligado a uma ação retórica comparável com o gênero. (SWALES, 1990, p. 58)

É possível perceber a proximidade entre gênero e propósito comunicativo, este último considerado como um traço reconhecido, aceito e compartilhado pelos membros da comunidade discursiva em que o gênero é praticado. Segundo Swales (1990), além do propósito, os exemplares de um gênero exibem vários padrões de semelhança em termos de estrutura, estilo, conteúdo.

A introdução de um artigo apresenta uma variedade de propósitos comunicativos, os quais estão geralmente ligados às ações pretendidas pela comunidade discursiva. A noção de propósito, conforme Sousa (2014, p.319), “está relacionada à noção de comunidade discursiva”, visto que a comunidade tem em comum um conjunto de propósitos comunicativos públicos para realizar diferentes ações sociorretóricas. As comunidades discursivas são caracterizadas pela familiarização com determinados gêneros, os quais são utilizados em função de seus objetivos particulares. Equivale dizer que os gêneros pertencem a comunidades discursivas.

Para Miller (2012, p.43), gênero é concebido como “ação retórica recorrente” ou “artefato cultural”, é, sobremaneira, “forma de ação social”. As abordagens de Miller (2012) enfatizam o gênero não na substância ou na forma, mas na ação. A fusão de substância e forma baseia-se em situações específicas apropriadas à realização da ação genérica. Nesse sentido, o gênero ultrapassa o plano da caracterização ou tipo formal.

Pode-se dizer que um gênero se torna um complexo de traços formais e substância que cria um efeito particular numa dada situação de uso da linguagem.

Em relação à definição e caracterização de um gênero, Bazerman (2009, p.49) enfatiza que a autoria textual em um determinado gênero “é tão individual em suas características que o gênero não parece fornecer meios adequados e fixos para descrever a realização individual de cada texto sem empobrecimento”. Nesse sentido, somos levados à questão de como proceder para definir um gênero.

Entendendo a complexidade em definir gênero, buscamos subsídio nos postulados de Bazerman (1997, p. 19), ao destacar que “os gêneros são formas de vida, modos de ser. Eles são enquadres para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares familiares a que recorremos para realizar uma ação comunicativa inteligível”.

Na concepção de gênero apresentado por Swales (1990), o propósito comunicativo é entendido como elemento definidor do gênero e pode ser compartilhado pelos membros de uma comunidade discursiva onde se realiza a ação comunicativa, na qual o gênero é praticado. Para o autor, é o propósito comunicativo que molda o gênero, determinando a estrutura interna e impõe limites quanto às possibilidades de ocorrências linguísticas e retóricas. A definição de gênero apresentada por Bhatia (1993) enfatiza ser o gênero

Um evento comunicativo reconhecível, caracterizado por um conjunto de propósitos comunicativos, identificado e entendido pelos membros da comunidade profissional ou acadêmica em que ocorre regularmente. Frequentemente, é um evento altamente estruturado e convencionado, com restrições a possíveis contribuições em termos de sua intenção, posição, forma e valor funcional. Essas restrições, entretanto, frequentemente são exploradas pelos membros especializados da comunidade discursiva na concretização de intenções particulares enquadradas dentro dos propósitos socialmente reconhecidos. (BHATIA, 1993, p.13)

A respeito do propósito comunicativo, Bhatia (1993) postula que o gênero é caracterizado essencialmente pelo(s) propósito(s) comunicativo(s) que pretende realizar. Os gêneros também são influenciados por fatores como conteúdo, forma, audiência, meio ou canal. O gênero mantém-se focalizado em uma determinada ação retórica graças ao propósito comunicativo que molda a estrutura do discurso, influenciando nas escolhas de conteúdo e de estilo.

Swales (1990) deixa claro que a identificação do propósito de um gênero torna-se um ponto conceitual problemático, visto que existem gêneros que atendem a conjuntos de propósitos comunicativos. O autor apresenta como exemplo um programa de notícias, com propósito de informar, orientar e formar a opinião pública. O conceito de propósito comunicativo pode ter uma relevância muito maior se for definido da forma mais específica possível, devendo a definição ser diretamente orientada para o gênero em análise. Os propósitos comunicativos, bem como a própria constituição e uso dos gêneros, são estabelecidos em meio a práticas sociais específicas, variáveis de acordo com contextos culturais definidos.

### **1.1. O gênero artigo científico**

Swales (1990) associa o artigo a gêneros escritos que se referem a investigações com apresentação de descobertas e discussões de questões teóricas e metodológicas. O domínio da escrita desse gênero por estudantes, na comunidade acadêmica a qual pertencem, é de importância crucial por ser o artigo um meio de estabelecer a comunicação entre pesquisadores de diversas áreas disciplinares que, na concepção de Hyland (2000), as áreas disciplinares são constituídas por normas, nomenclaturas, campos de conhecimentos, conjuntos de convenções, objetos e metodologias de pesquisa.

A dificuldade de novos pesquisadores divulgarem seus trabalhos pode estar associada à substancial falta de domínio da escrita acadêmica a qual leva à compreensão desse gênero; como também a um considerável desconhecimento de convenções de gêneros acadêmicos. O acesso a esses aspectos pode favorecer a aos graduandos o domínio da escrita acadêmica. Nesse sentido, como diz Motta-Roth (2010), em contextos brasileiros, tem se intensificado a necessidade de uma discussão sistemática, entre pesquisadores mais e menos experientes, sobre o que é a academia, sua cultura, sua prática, seu discurso e o grande desafio para estudantes, quanto ao domínio da complexidade da escrita acadêmica, sobretudo no que tange ao artigo científico.

Swales (1990) apresenta um breve histórico do artigo científico nos últimos 300 anos e mostra que, como os gêneros não são estáticos, o artigo científico também se

modifica. Segundo Swales, o artigo científico surgiu com a criação do primeiro periódico científico, *The Philosophical Transactions of the Royal Society*, em 1665. O desenvolvimento deste gênero se deu a partir das cartas informativas que os cientistas trocavam entre si. Nos primeiros artigos, usava-se a primeira pessoa como nas cartas, e alguns, na estrutura, até possuíam saudações.

Bazerman (1983) também trata de estudo sobre as modificações que aconteceram no artigo científico, ao longo dos tempos e destaca que, no final do século VIII, esse gênero passou por modificações e começou a se estabelecer na medida em que os fenômenos passaram a ser tratados como mais problemáticos. Evidenciado o problema, o artigo deveria descrever cronologicamente os experimentos almejados em busca de resolução para chegar ao fundo do mistério.

O artigo científico ganha uma nova configuração, diferentemente das cartas de origem, a partir do surgimento do periódico *Transactions* e de revistas subsequentes. Swales (2004) associa o artigo a gêneros escritos que se referem a investigações com apresentação de descobertas, discussões sobre questões teóricas e metodológicas. Razão pela qual o gênero artigo tem uma posição de destaque dentre os vários outros que circulam na esfera acadêmica, a exemplo da resenha e do resumo. Essa relevância é considerado, de acordo com Motta-Roth (2010, p.65-68), por ser o artigo “um texto produzido para publicar, em periódicos especializados, resultados de uma pesquisa, sobre um tema específico”.

O artigo representa um instrumento de comunicação entre pesquisadores, profissionais, professores e alunos de graduação e pós-graduação. Cada área tem uma cultura própria, um estilo próprio, o que resulta na especificidade da linguagem que traduz o objeto de estudo daquela esfera. Os gêneros produzidos na universidade possuem características particulares, convencionalmente determinadas, fatores restritos à definição da forma e à esfera de uso. A estabilidade de um gênero é garantida pela estrutura interna convencionalizada, que é, segundo Bhatia (1993, p.14), “resultado cumulativo da experiência e/ou do treinamento dentro da comunidade de especialista”.

Na escrita de um artigo, para Motta-Roth (2010), são imprescindíveis as atividades a saber: seleção bibliográfica; reflexão sobre estudos anteriores na área da pesquisa; elaboração de uma abordagem para o exame do problema; delimitação e análise de um conjunto de dados; discussão e avaliação dos resultados do estudo; conclusão e

elaboração de generalizações, conectados aos estudos prévios dentro da área de conhecimento em questão.

A estrutura retórica de um artigo, conforme salienta Swales (1990), segue normas convencionalizadas, adequadas ao contexto de produção e circulação. Este gênero se constitui como atividade caracterizada por funções específicas, com uma estrutura esquemática típica e pertence a uma esfera de circulação também específica.

O gênero artigo é composto por várias seções, dentre as quais destacamos a seção introdutória, nosso objeto de pesquisa. As publicações de artigos científicos configuram-se como práticas sociais que têm como objetivo circular, expandir e (re)construir conhecimento dentro de uma comunidade discursiva, conforme apontam Figueiredo e Bonini (2005).

## **1.2.Introdução do artigo científico**

A introdução de um artigo é uma apresentação sucinta do assunto a ser abordado no corpo do texto. Como diz Bezerra (2006, p.80), é “uma proposta de leitura prévia, um convite à leitura da obra”. É um tipo de guia e fonte de informação para os leitores que precisam saber se o texto contém matéria que desperte interesse para ser lido. É uma visão preliminar do conteúdo, acrescenta Bezerra (2006), e pode ajudar os leitores interessados em ler o texto na totalidade, ou pode ajudar àqueles que querem apenas conhecer parte da pesquisa: uma seção por exemplo. Por isso, na escrita do artigo, é importante o uso de argumentos que possam seduzir impressionar, convencer, persuadir o leitor a prosseguir à leitura.

A seção introdutória do artigo apresenta, dentre os propósitos comunicativos, anunciar o assunto a ser abordado ao longo do artigo, justificar a elaboração do estudo, bem como informar os procedimentos adotados para análise e discussão dos resultados, como ressalta Motta-Roth (2010). A introdução é parte essencial em artigo de pesquisa,

Retoricamente, a introdução de um artigo é composta por movimentos (moves) e passos (steps), como se observa no modelo CARS, de Swales (1990). A delimitação desses movimentos parte de uma convenção estabelecida pelo contexto de produção, o que pode ser observado pelos pesquisadores e acadêmicos.

Convém dizer que, não necessariamente, a introdução de artigo possa apresentar os movimentos retóricos propostos pelo modelo. Os cientistas podem adaptá-lo na

aplicabilidade, visto que, segundo Swales (1990), o modelo é flexível e facilita os membros da comunidade científica a compartilharem as informações e descobertas em investigações.

## 2. O MODELO CARS: DESCRIÇÃO E APLICABILIDADE

A proposta teorico-metodológica de Swales (1990), com o modelo CARS “Create a Research Space” (Criando um Espaço de Pesquisa), apresenta alternativas de análise da organização retórica dos movimentos que compõem os gêneros acadêmicos. O modelo é composto por moves (movimentos), os quais são informações discursivas, organizadas a partir da função retórica a ser desempenhada. Os movimentos são realizados por meio de steps (passos), que são estratégias retóricas opcionais, marcadas pelos aspectos lexicais, sintáticos, semânticos e pragmáticos. A combinação de movimentos e passos compõe a estrutura da introdução do artigo.

O modelo *CARS* compreende três moves (movimentos), e onze steps (passos). Move, segundo Swales (2004, p.228-229) “é uma unidade discursiva ou retórica que realiza uma função comunicativa coerente no discurso escrito ou oral. É uma unidade funcional, e não formal”. Isso significa que não equivale a frase, enunciado ou parágrafo. Para Biasi-Rodrigues (1998, p. 130), Move “é uma unidade de conteúdo informacional dentro de uma estrutura hierárquica de distribuição de informações na arquitetura física do texto.” Para melhor visualizar o modelo *CARS*, apresentamos o quadro que segue:

Quadro 1: Modelo *CARS*

### **MOVIMENTO 1: ESTABELEECER O TERRITÓRIO**

Passo 1 – Estabelecer a importância da pesquisa e/ou

Passo 2 – Fazer generalização/ões sobre o assunto e/ou

Passo 3 – Revisar itens de pesquisa prévia

### **MOVIMENTO 2: ESTABELEECER O NICHOS**

Passo 1A – Contra- argumentar ou

Passo 1B – Identificar lacuna/s no conhecimento ou

Passo 1C – Fazer questionamento ou

Passo 1D – Continuar a tradição

### **MOVIMENTO 3: OCUPAR O NICHOS**

Passo 1A – Esboçar os objetivos ou

Passo 1B – Anunciar a presente a pesquisa Passo 2 – Apresentar os principais resultados Passo 3 – Indicar a estrutura do artigo
---

Fonte: Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009, p. 30), com adaptação nossa

Os referidos movimentos retóricos são aspectos da escrita recorrentemente esperados, nos textos acadêmicos, por professores, orientadores de trabalho de pesquisa, editores e pareceristas de revistas acadêmicas, mas que, nem sempre são demonstrados por aqueles que escrevem, talvez por não os conhecerem ou, embora os conheçam, não conseguem materializá-los textualmente.

O modelo *CARS* tem funções retóricas diversas e forma conjuntos que constroem a estrutura da introdução. Cada movimento é constituído por passos (steps) opcionais. Em cada um desses movimentos, há formas típicas de enunciados que concretizam os passos. Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009) lembram que nem todas as introduções apresentam a organização retórica que o modelo propõe. Compreende-se, portanto, a flexibilidade do modelo e as possibilidades de aplicação, com adaptações cabíveis e necessárias.

### **3. ANÁLISE DO *CORPUS* E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.**

Analizamos um *corpus* constituído por quatro introduções de artigos científicos, sendo duas do curso de letras e duas do curso de história, escritos por graduandos do sétimo período, bolsistas do PIBID-Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, oriundos de duas escolas da esfera pública estadual de Alagoas. As amostras fazem parte de bancos de dados de grupos de pesquisa da UNEAL- Universidade Estadual de Alagoas e foram disponibilizadas pelos professores/coordenadores dos referidos cursos.

A metodologia de análise segue o modelo proposto por Swales (1990), no sentido de verificar a organização dos movimentos retóricos das introduções do gênero artigo produzido pelos referidos graduandos.

Foram utilizados os códigos seguintes: L1e L2 para artigos de Letras e H1e H2 para os artigos de História.

Como podemos observar, as tabelas 1, 2 e 3, a seguir, apresentam os movimentos retóricos e passos realizados pelos graduandos.

**Tabela 1: Movimento Retórico 1**

Informantes	Movimento Retórico 1: Estabelecer o Território		
	Passo 1 Estabelecer a importância da pesquisa	Passo 2 Fazer generalização sobre o assunto	Passo 3 Revisar itens de pesquisa prévia
L1		Nos dias de hoje, as escolas públicas brasileiras sofrem com os baixos índices de desenvolvimento educacional. Estes índices são apontados de acordo com os resultados apresentados pela Provinha Brasil, como também pelo Exame Nacional do Ensino Médio.	
L2		O ensino superior brasileiro se apoia em três pilares: o ensino, a pesquisa e a extensão.	
H1		Existe uma lenda, veiculada na região que versa sobre a fundação do município.	
H2		Desde as primeiras décadas do século XX, os povos indígenas no Nordeste se mobilizaram, depois de um período de silenciamento oficial, para afirmarem suas identidades e direitos diante das violências exercidas por invasores[...]	

**Tabela 2: Movimento Retórico 2**

Informantes	Movimento Retórico 2: Estabelecer um Nicho			
	Passo 1A Contra argumentar	Passo 1B Identificar lacuna/s no conhecimento	Passo 1C Fazer questionamento	Passo 1D Continuar a tradição
L1		Percebe-se que o ensino de língua portuguesa não é voltado como deveria para a produção textual, devido ao excesso de conteúdos que devem ser abordados nesta disciplina tão importante no trajeto escolar do aluno, acompanhando-o em todas as séries do ensino básico.		

L2				
H1			Como podemos perceber, a história de Palmeira dos Índios está intimamente ligada a dos índios Xucuru-Kariri. Mas será que esta lenda é digna de confiança? A mídia local, pertencente aos ricos, faz questão de divulgá-la, ou isso a torna uma verdade aceitável?	
H2				

**Tabela 3: Movimento Retórico 3**

Informantes	Movimento Retórico 3: Ocupar um Nicho			
	Passo 1A Esboçar os objetivos	Passo 1B Anunciar a presente a pesquisa	Passo 2 Apresentar os principais resultados	Passo 3 Indicar a estrutura do artigo
L1	Este trabalho busca refletir acerca do letramento como prática social e educacional, e a influência que os multimeios didáticos em forma de recursos audiovisuais têm para o aprimoramento da produção textual no ensino fundamental I.		No <i>corpus</i> deste trabalho, composto por 25 produções de texto escritas por alunos do 3º ano do ensino fundamental de uma escola de esfera pública municipal, foi possível detectar erros de pontuação e acentuação, como também de coesão e coerência textual.	
L2	O presente artigo busca fazer uma breve reflexão acerca dos estudos saussurianos, bem como destacar relevantes contribuições de Saussure para os estudos da língua/linguagem.			
H1				
H2	Discutiremos a política de alianças	“No presente estudo fazemos		

	entre índios e o missionário Pe. Alfredo Dâmaso no processo de mobilizações indígenas em Pernambuco,	uma abordagem sobre a importância da atuação de Padre Alfredo Dâmaso no processo de mobilizações indígenas no nordeste contemporâneo”.		
--	--	--	--	--

Ao observar as recorrências dos passos nos movimentos, considerando os passos mais frequentemente realizados pelos autores, verifica-se que houve maior incidência no Movimento 3, com uma preferência dos autores pelos Passos 1A e 1B. No Movimento 1, numa escala decrescente, percebe-se a preferência pelo Passo 2, realizado pelos quatro graduandos. Por fim, no Movimento 2, houve preferência pelos passos: 1B e 1C, sendo 1B, realizado por L1 e 1C, realizado por H1.

É oportuno lembrar que o modelo *CARS*, proposto por Swales (1990), representa artigos de outra cultura e que já tem um tempo considerável. Por ser simples e flexível, permite a aplicabilidade nos mais variados contextos, em ambiente acadêmico, profissional tanto na pesquisa quanto no ensino. É nesse sentido em que reside a grande contribuição de Swales aos estudos de gêneros, seja na perspectiva analítica, metodológica e pedagógica. Cada movimento retórico, na introdução do artigo, apresenta objetivos e propósitos mais específicos para convencer o leitor da importância da pesquisa e persuadi-lo a ler o artigo na íntegra.

### 3.1. Discussão dos resultados

A partir da análise do *corpus*, ficou perceptível que, no Movimento 3, houve preferência dos autores pelos Passos 1A e 1B, passos mais recorrentes nesse movimento retórico. Observa-se, na Tabela 1 (Movimento 1), irrecorrência ou zero recorrência nos passos 1 e 3. Em relação ao Passo 2 (Fazer generalização sobre o assunto), houve quatro recorrências, sendo duas do curso de Letras e duas do curso de História.

#### 3.1.1. Discussão da tabela 1- Movimento Retórico 1: Estabelecer o Território

Quanto ao Movimento 1- (Estabelecer o Território), houve realização apenas do passo 2: Fazer generalização sobre o assunto por L1, L2, H1 e H2.

### 3.1.2. Discussão da tabela 2- Movimento Retórico 2: Estabelecer um Nicho

Quanto ao Movimento 2 (Estabelecer um Nicho), houve recorrência no passo: 1B, por L1, (Identificar lacuna/s no conhecimento) e no Passo 1C, por H1 (Fazer questionamento). Ainda nesse movimento, não houve recorrência no passo 1A (Contra argumentar) e no passo 1D (Continuar a tradição).

### 3.1.3. Discussão tabela 3- Movimento Retórico 3: Ocupar um Nicho

Quanto ao Movimento Retórico 3 (Ocupar um nicho), houve três recorrências no passo 1A (Esboçar os objetivos), por L1, L2 e H1. Passo 1B (Anunciando a pesquisa), realizado por H2. Passo 2 (Anunciando os resultados), realizado por L1. Passo 3 (Indicando a estrutura do artigo) não foi realizado.

Para visualizar melhor os resultados apresentamos a tabela 4.

**Tabela 4: Síntese da análise dos resultados**

	MOVIMENTOS RETÓRICOS	INFORMANTES			
		L1	L2	H1	H2
<b>M.R<sup>2</sup> 1:</b> <b>Estabelecer o Território</b>	<b>Passo 1</b> Estabelecer a importância da pesquisa				
	<b>Passo 2</b> Fazer generalização sobre o assunto	X	X	X	X
	<b>Passo 3</b> Revisar itens de pesquisa prévia				
<b>M.R 2:</b> <b>Estabelecer um Nicho</b>	<b>Passo 1 A</b> Contra argumentar				
	<b>Passo 1 B</b> Identificar lacuna/s no conhecimento	X			
	<b>Passo 1 C</b> Fazer questionamentos			X	
	<b>Passo 1 D</b> Continuar a tradição				
<b>M.R 3:</b> <b>Ocupar um Nicho</b>	<b>Passo 1 A</b> Esboçar os objetivos	X	X		X
	<b>Passo 1 B</b> Anunciar a presente a pesquisa				X
	<b>Passo 2</b>	X			

<sup>2</sup> Movimento Retórico

	Apresentar os principais resultados				
	<b>Passo 3</b>				
	Indicar a estrutura do artigo				

## CONCLUSÃO

Considerando os resultados desse estudo, é importante salientar que, apesar dos grandes avanços, as pesquisas em análise de gêneros ainda não são suficientes para minimizar as dúvidas existentes tanto na pesquisa quanto na educação básica. Isso nos leva a compreender a necessidade de maiores investimentos neste campo de estudo. O notável trabalho de Swales(1990) constitui uma referência no conjunto de estudos sobre análise de gêneros e inspirou pesquisadores brasileiros nessa vertente.

O modelo *CARS*, pela simplicidade, torna-se possível de ser aplicado nos mais variados contextos, tanto na pesquisa quanto no ensino e tem sido bem sucedido em termos descritivos e pedagógicos, por ser relativamente simples, funcional e apoiado em diversos corpora de dados do mundo real. O modelo não vai ser aplicado a todo tipo de cultura ou língua e nem sempre uma introdução de artigo pode contemplar os movimentos e passo que compõem o modelo em tela. A introdução de um artigo tem grande relevância por ser a seção que vai sinalizar as pistas que podem conduzir a leitura do texto. Pode-se dizer que uma introdução, retoricamente bem organizada, direciona e instiga a vontade do leitor em prosseguir à leitura.

Por fim, ficam, por enquanto, a pretensão e a necessidade de avançar mais as discussões e leituras direcionadas à temática em estudo e ampliar o *corpus* para outras análises. A relevância dessa pesquisa reside, sobretudo na pretensão de apresentar, como contributo, uma proposta de modelo de análise de gêneros acadêmicos às diferentes áreas disciplinares da universidade de onde advêm os dados que formam o *corpus* desta pesquisa, o que poderá se tornar um incentivo para investigações futuras. Os resultados desse estudo sinalizam que os autores dos artigos das deferentes áreas disciplinares ainda não foram suficientemente orientados para a escrita dessa seção do artigo.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. C. **Os chats**: uma constelação de gêneros na Internet. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. **Applied Linguistics**, v. 22, n. 2, p.195-212, 2001.

BAWARSHI, A.; REIFF, M. J. **Gênero**: história, teoria, pesquisa, ensino. Tradução: Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola, 2013.

BEZERRA, B. G. A organização retórica de resenhas acadêmicas. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, n. 1, p. 37-68, jul./dez. 2002

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Tradução: Judith Chambliss Hoffnagel. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BHATIA, V. K. **Analysing genre: language use in professional settings**. London: Longman, 1993.

BIASI-RODRIGUES, B.; BEZERRA, B. G. Propósito comunicativo em análise de gênero. **Linguagem em (Dis)curso**, Santa Catarina, v. 12, n. 1, p. 231-249, jan./abr. 2012.

HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta socio-retorica de John M. Swlaes para o estudo de generos textuais. In: MOTTA-ROTH, D.; BONINI, A.; MEURER, J.L. (org). **Gêneros: teorias, metodos, debates**. Sao Paulo: Parabola Editorial, 2005.

HYLAND, K. **Disciplinary discourse: social interactions in academic writing**. Singapura: Pearson Education Limited, 2000.

MILLER, C. R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. Tradução: Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Parábola, 2012.

MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Redação Acadêmica: princípios básicos**. Santa Maria: Imprensa Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_; D. HENDGES, G. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

\_\_\_\_\_. Análise crítica de gêneros: contribuições para o Ensino e a pesquisa de linguagem. **D.E.L.T.A.**, 24:2, 2008 (341-383).

SILVA, N. I.; BEZERRA, B. G. O conceito de Gêneros em artigos científicos sobre ensino de língua materna: repercussões de quatro tradições de estudo. In: APARÍCIO,

A.S.M.; SILVA, S.R. (Orgs.). **Gêneros textuais e perspectivas de Ensino**. Campinas: Pontes Editores, 2014.

SWALES, J. M. **Genre Analysis: English in academic and research settings**. Nova York: Cambridge University Press, 1990 [13 printing, 2008].

\_\_\_\_\_. **Research genres: explorations and applications**. Cambridge: University Press, 2004.